

Transcrição

Vídeo: O Dilema Preventivista (<https://www.youtube.com/watch?v=Mj-V4Dw-j9U>)

[00:00:11]

[Homem 1: Apresentador]

Em 1976, na Santa Casa de Campinas, o auditório lotado assistia à defesa de tese de Sérgio Arouca uma tese de causar inveja. Com seu trabalho, Arouca abriu um debate, uma polêmica. O assunto não era propriamente inédito, mas o tema, da forma que era tratado, apresentava -se totalmente original e exemplarmente analisado. O centro da polêmica estava no ponto de partida. A medicina preventiva seria uma atitude ausente da prática médica.

A tese de Arouca virou livro em 2003, ano de sua morte. O dilema preventivista, uma edição conjunta das editoras Unesp e Fiocruz é o livro de Ciência e Letras de hoje, um programa do projeto Canal Saúde em parceria com a Editora Fiocruz.

[Música]

[00:01:00]

[Homem 1: Apresentador]

Conversam comigo no estúdio do Canal Saúde, Ana Maria Testa Tambellini, Doutora em Epidemiologia e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Elizabeth Moreira dos Santos, pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. A tese de Arouca foi escrita em tempos sombrios para o Brasil. Em 1975, ano da morte do jornalista Vladimir Herzog, sob a ditadura militar de Ernesto Geisel. É justamente esse momento que eu queria que a gente, por mais que às vezes possa parecer até um pouco doloroso, trouxesse de volta, através da memória, esse momento difícil que o Brasil vivia, que foi justamente o momento em que o Arouca defendeu a tese dele em Campinas. Essa coragem de tratar de assuntos que naquele momento não eram muito bem-vindos pela ótica do regime militar.

Ana Maria, você se coloca inclusive na apresentação como companheira de tempos ásperos. Como é que é isso para você? O Arouca, como um corajoso produtor de ideias revolucionárias.

[00:02:04]

[Mulher 1: Ana Maria]

O Arouca sempre teve essa qualidade excepcional. E que se a gente percorrer as manifestações dele pela vida, a gente vai notar de ter, de chegar perto, de tomar o pulso da vida das pessoas, de se acercar dos acontecimentos e de ter sempre uma visão muito, digamos assim, muito avançada intelectualmente, generosa, sobre o acontecimento. Então, essa tese é fruto dessa capacidade de uma pessoa, de um cidadão, o Sergio Arouca, que viveu no tempo de uma ditadura, mas que antes já tinha assumido uma posição política. Ele era um membro do Partido Comunista e que a partir da sua vivência na área de saúde, na área da medicina preventiva, ele foi capaz de auscultar e retirar de um

movimento que era um movimento coletivo dos departamentos de Medicina Preventiva do Estado de São Paulo e, a partir disso, fabricar uma obra que você pode pensá-la em termos acadêmicos e que naquela época ela era avançadíssima e até hoje tem questões não exploradas.

[00:03:30]

[Homem 1: Apresentador]

Essa questão que é importante. E, quando a gente relê essa obra da década de 70, a gente vê ainda que muita coisa precisa avançar nesse sentido. Mas eu queria ver também a Beth, essa memória. Você estava lá nessa defesa de tese, né?

[00:03:43]

[Mulher 2: Elizabeth]

É, eu estava nessa defesa. E fiquei para defesa da tese da Ana, que foram alguns dias depois. Eu vinha de uma universidade, a Universidade de Brasília, que tinha uma proposta inovadora, mas que tinha passado por duas invasões violentas, uma em 67 e a outra em 71. Com a destruição, a destruição, praticamente com o fechamento do diretório, com a destruição de toda prática política realizada.

O espaço da preventiva, para a gente estudante, era exatamente esse espaço em que nós percebíamos essa pulsação, a pulsação de uma mudança que seria possível.

[00:04:37]

[Texto apresentado no vídeo]

“Não estranha assim, que o dilema preventivista me retorne àquela tarde de Campinas e me obrigue, a reafirmar que o homem deve gritar...” (O Dilema preventivista, pág. 207)

[00:04:41]

[Homem 1: Apresentador]

E você fala que o homem deve gritar.

[00:04:44]

[Mulher 2: Elizabeth]

É, a preventiva ela era ao mesmo tempo que o espaço político, era o espaço de inovação do próprio pensamento médico, ela abria esse espaço.

[00:05:00]

[Homem 1: Apresentador]

Assim, de início, também remetem muito à figura do Arouca mesmo. Essa facilidade que ele tinha de se aproximar das pessoas.

[00:05:08]

[Mulher 1: Ana Maria]

E ao mesmo tempo que as pessoas se apaixonavam por ele, ele se apaixonava pelas pessoas. Então, isso era para quem vivia com ele. No meu caso, por exemplo, eu era ao mesmo tempo uma coisa muito boa. Então ele via um problema danado.

[00:05:28]

[Homem 1: Apresentador]

Mas você tem um filho com ele, inclusive o Pedro, que escreve apresentação junto com você. Apresentação muito bonita, muito afetiva, né?
Como surgiu a ideia de colocar essa apresentação para abrir um livro tão importante para a saúde pública como esse?

[00:05:38]

[Mulher 1: Ana Maria]

Essa história dessa obra tem três histórias diferentes e correlatas a história dos conteúdos, né? Que é uma história que está arraigada nas possibilidades científicas e na realidade que nós vivíamos no Brasil. Pelo outro lado, tem uma história da defesa, que é a história de como é que toda a repressão procurava não deixar explícito, não deixar aparecer o trabalho, que é uma tese que ficou alguns anos, um ano trancada

[00:00:06]

[Homem 1: Apresentador]

Até que ele pudesse defender.

[00:06:14]

[Mulher 1: Ana Maria]

E tem uma história e outra que é a história da publicação. O herói que escreveu essa tese era uma tese faladíssima e não era publicada e que houve várias tentativas de se publicar. E não, não ia nem, eu falava: “Arouca, porque você nunca publicou”?

Porque não dava certo e tal, aí ele falou assim: “Você quer publicar para mim, Ana, você quer fazer isso? Isso para mim?”

Eu falei: Eu quero! Você tem confiança? Você quer que eu faça?

Ele falou: “eu quero.” Então eu falei: então vamos fazer.

E todo o livro foi publicado com as pessoas atualizando os temas. Ele escolheu as pessoas e foi muito, uma coisa muito gostosa a fazer, inclusive com a editora foi uma coisa gostosa de fazer esse trabalho.

Ele e a gente esperava que ele lançasse a apresentação do autor. Era ele que escreveria a apresentação. Mas ele faleceu antes. E aí a gente ficou nessa situação. Como é que vai ser feita essa apresentação?

E entre as coisas, inclusive, o Everardo também teve um papel interessante nisso.

[00:07:24]

[Homem 1: Apresentador]

É, é dele o texto que a gente usou para abrir o programa, inclusive.

[00:07:26]

[Mulher 1: Ana Maria]

É e esse, ele falou. E por falar nisso, começamos a discutir as coisas e, bom, por que uma carta? Eu virei e falei assim: porque tem um cartão. E eu lembrava desse cartão de quando ele estava na Nicarágua, que ele mandou para o Pedro e eu falei: Pedro e se a gente pegar o cartão e fizer...é uma viagem, ele está numa outra viagem. Então essa é que foi a ideia que eu e o Pedro tivemos e que a editora aceitou de fazer essa apresentação.

[00:07:55]

[Homem 1: Apresentador]

E que acaba fazendo para a gente, leitor, ter uma aproximação afetiva desse autor e entender esse homem que fez tantas concessões para poder ser um homem público como você estava falando. E esse cientista, esse pesquisador que falava de questões que você acha, Beth, que a gente já superou esse momento? Ou o dilema preventivista segue até hoje, quando a gente percebe a formação dos nossos profissionais, por exemplo?

[00:08:20]

[Mulher 2: Elisabeth]

Eu acho que eles, eles seguem atualizados não só na definição dos conteúdos ou na discussão das estratégias e na discussão, especialmente do perfil desse profissional da saúde coletiva, que cada vez mais incorpora dimensões da comunicação. Quer dizer, o profissional de saúde coletiva. Hoje ele trabalha com campanhas de mídia, ele trabalha com educação participativa no dia a dia. Ele trabalha com populações vulneráveis, que a gente até estava conversando anteriormente que antes não se... quer dizer o sistema de saúde, como o Arouca sempre colocou, não concebia a diversidade, né? Você falava na população brasileira. Hoje se fala nas populações, né? Então, eu acho que as questões que esse livro coloca, a própria identificação do que é esse corpo, do que é o sujeito, que é capaz de decidir e optar e ter acesso às ações de saúde. Então, realmente acho que o livro, ele...

[00:09:47]

[Homem 1: Apresentador]

Ele segue trazendo questões que a gente precisa enfrentar. Quando estava perto de 2003, que foi o ano que ele morreu, ele trouxe uma outra questão corajosa, que ele falou da importância da reforma da reforma. E é sobre isso que a gente vai falar no próximo bloco. Não sai daí, a gente volta já!

[00:10:16]

[Homem 1: Apresentador]

O dilema preventivista de Sergio Arouca traz comentários ao final de cada capítulo escrito por 11 convidados, entre eles, Ana Maria Tamberlini e Elizabeth Moreira dos Santos, presentes no Ciência e Letras de hoje.

Arouca, incansável defensor do Sistema Único de Saúde, não poupou coragem ao defender modificações no SUS é o que ele chamou de reforma da reforma.

[00:10:40]

[Música ao fundo - texto no vídeo]

“Temos que entrar no coração desse SUS, desumanizado e medicalizado, e resgatar a promoção da saúde.”

[00:10:53]

[SERGIO AROUCA]

O nosso projeto de mudança também tem que mudar. O SUS que está aqui, a reforma sanitária. Ela não foi implantada na sua total abrangência, nós não resolvemos o problema das grandes endemias. Nós não resolvemos o problema do mal atendimento à saúde, onde a nossa população ainda tem que chegar de madrugada nas filas para ter atendimento.

Nós não resolvemos o problema que nossos pacientes estão em macas. A nossa mortalidade infantil, se caiu, ela ainda é muito alta diante do que poderia ter sido.

As nossas doenças crônicas degenerativas que incidem sobre a nossa população incide na forma da miséria.

É o câncer ginecológico da miséria inoperável e a diabetes amputando coxas.

E o momento de fazer a reforma da reforma é agora, de imaginar o que é nesse SUS que tem que mudar, quais são as propostas que nós temos que levar de uma forma objetiva e como nós vamos incorporar essas mudanças para que ele mude?

O que queremos na saúde ó o que queremos para a sociedade e para a nação brasileira.

Muito obrigado.

[00:12:38]

[Homem 1: Apresentador]

Dá saudade, né? Como é que vocês veem essa coragem dele falar, inclusive com essa veemência, falar desse SUS que todos nós defendemos, que é um SUS importante para toda população e especialmente para quem trabalha com ele.

Como é que você vê essa coragem dele defendendo mudanças para que a gente continue tendo o SUS?

Que a gente continue, que a gente chegue até o SUS que a gente quer.

[00:13:00]

[Mulher 2: Elisabeth]

Essa coragem, acho que é uma característica muito peculiar do Arouca. Ele era um cara aberto para o mundo. Ele permitia, ele acomodava. Mesmo nos momentos mais assim...duros que a gente vivenciou em Campinas, na época da minha residência, depois aqui no Rio. Ele permitia a crítica, ele ouvia a crítica, ele abria esse espaço.

Até por isso que ele se constituiu, acho que é dentro do que a Ana colocou. Ele abraçava o mundo e as pessoas com tudo o que o mundo tinha, com as melecas humanas, entendeu?

Com a capacidade que a gente tinha de errar, de tentar de novo. Então essa coragem estava presente.

E é essa coragem que permite, que autoriza e que embasa essa colocação dele de que é uma proposta de um sistema de saúde. É uma proposta processual e dinâmica. Ela tem que mudar porque o mundo muda.

[00:14:18]

[Mulher 1: Ana Maria]

Essa coisa que a Beth falou é muito interessante, porque você vê até no fim, quando o Arouca faz o livro dele, ele abre para o coletivo. Quando o livro que ele fala, eu falei ele quer publicar e me disseram: mas para publicar a gente não pode publicar como uma tese, como era aquilo.

E aí eu fiquei, me ocorreu isso! Arouca, o que você acha da tese? Ele foi de uma..

[00:14:43]

[Homem 1: Apresentador]

Generosidade...

[00:14:45]

[Mulher 1: Ana Maria]

Generosidade. Ele chamou, ele deixou que as pessoas pudessem fazer parte dessa obra, que é praticamente a única obra escrita como pesquisa. Como documento é documento acadêmico dele.

[00:15:01]

[Homem 1: Apresentador]

E se a gente pega agora essa questão dele nessa reforma da reforma, Beth, o que o SUS precisa mudar imediatamente. Na sua opinião? Como é que a gente pode trazer essa coragem agora que programa e levantar esses tópicos que a gente precisa? A humanização seria um deles?

[00:15:17]

[Mulher 2: Elizabeth]

Essa é uma pergunta difícil, né? Uma bomba relógio no colo do convidado. Não se faz isso. Mas eu acho que essa dimensão da humanização, ela é uma dimensão importante.

A dimensão cada vez mais de compreender e de incorporar a diversidade brasileira às nossas populações, que têm difícil e de difícil acesso não só para o sistema.

Quer dizer, não esperar que ela chegue ao sistema, mas o sistema é chegar a ela.

Tem um desafio que vai ser permanente no SUS, que é esse desafio da mudança do perfil dos agravos, acoplado ao um saco sem fundo do custo da tecnologia.

[00:16:13]

[Mulher 1: Ana Maria]

Tem uma coisa importante e que eu gostaria de dizer, porque acho que Arouca devia já estar abraçando essa questão, que está inscrita dentro da questão da desigualdade socioeconômica.

[00:16:27]

[Homem 1: Apresentador]

Ele fala inclusive, no que a gente ouviu, aparece da miséria.

[00:16:30]

[Mulher 1: Ana Maria]

Eu acho que a gente hoje tem técnicas interessantes que nos possibilitam mapear as desigualdades de todos os tipos. Na verdade, existe a iniciativa, por exemplo, a iniciativa da determinação social da doença, é uma iniciativa que tenta entrar por esse caminho, mas na verdade, isso precisa ser assumido com categorias de instrumentais pelo serviço de saúde.

Então, o SUS, ele não pode olhar, existe esperança e ver e querer. Ele tem que começar a se empoderar ou se apropriar de instrumentos que não estão propriamente nos níveis tradicionais da saúde e nem das ciências sociais.

Ela tem que se abrir para poder identificar isso, trabalhar com isso, porque nós hoje não sabemos exatamente, podemos supor, mas não sabíamos.

[00:17:33]

[Homem 1: Apresentador]

O Ary Carvalho de Miranda, que escreve orelha do livro, ele fala no Arouca como um intelectual orgânico, que é alguém que conseguiu unir o intelectual que pensa, que produz, que pesquisa com o homem prático.

Será que essa não é uma outra dimensão que a gente precisa levar para a prática do dia a dia do SUS?

Porque a gente tem desde o Cebes até a ENSP, pensadores, a UFRJ, enfim, o Brasil inteiro tem inúmeros polos produtores de conhecimento. Será que a nossa prática continua um pouco dissociada da nossa capacidade de produzir teoria eficaz?

[00:18:10]

[Mulher 2: Elizabeth]

Eu acho que a gente produz pouco tradutores. Se a gente trabalhar um pouquinho com a noção de rede sociotécnica, que produz o conhecimento, a gente produz poucos tradutores, porque a produção dessas pessoas que são capazes de enredar diferentes redes, requer alguns componentes que a gente da academia tem muita dificuldade de lidar.

A ciência, hoje, principalmente o projeto acadêmico que impregna a maioria das instituições acadêmicas brasileiras, tem uma preocupação de prestar contas a um projeto de ciência descompromissado com a mudança real do mundo.

É como se, por exemplo, a gente é valorizada porque publica, você não é valorizado porque você está em sala de aula.

Eu sempre digo: olha, eu prefiro inclusive os meus alunos que falam para mim, você publica pouco e tal. Eu prefiro ter três de vocês do que dois artigos para mim, conta mais por que eu acho que o que ele acreditava é isso. Foi esse o principal ponto que me enredou para escolher a residência em Campinas.

Ele acreditava no projeto humano, entendeu?

Eu acho que esta é a questão que a gente às vezes esquece. Nas nossas, na nossa rotina diária de buscar financiamento aqui, acolá etc.

[00:19:55]

[Homem 1: Apresentador]

Então, para a gente terminar com esse livro na mão “O dilema preventivista”, esses capítulos comentados por 11 convidados, entre eles vocês.

Como é que a gente pode fazer uma espécie de projeção? A gente foi lá no passado, nos tempos sombrios em que o Arouca defendeu essa tese.

Está aqui hoje, levantando essas questões que o SUS precisa transformar para ser aquele projeto que foi pensado desde o início.

Como é que a gente pode olhar para a frente e pensar, a gente está nesse caminho que o teórico aponta, esse caminho corajoso de reformar o que precisa ser reformado?

[00:20:31]

[Mulher 1: Ana Maria]

Primeiro, a gente tem que ter uma visão que eu acho um pouco mais clara. Ou então do que é que precisa ser reformado, né?

A gente, a chamada área de saúde coletiva, saúde pública, cresceu tanto que ela se fragmentou também na mesma medida, então eu tenho a impressão que o Arouca tinha uma capacidade de síntese muito grande e a tese dele é realmente uma tese que sintetiza algumas questões e refaz de uma maneira heterodoxa, porque a outra mistura, naquele tempo era impensável. Ele misturava Marx com o Foucault que naquela época se via.

Hoje a gente sabe que não é bem assim. Mas naquela época ele foi e é isso.

Os acadêmicos ficavam horrorizados, horrorizados.

[00:21:21]

[Homem 1: Apresentador]

Acha que falta, então, um diagnóstico claro do que a gente precisa reformar para poder avançar?

[00:21:24]

[Mulher 1: Ana Maria]

Eu acho que precisa, porque eu acho que tem vontade, o que falta...ele tem vontade, tem possibilidades de grupos e de acordos e de participação em relação a isso.

Mas eu acho é que a gente ainda não tem muito claro o que é que precisa. Nós sabemos até onde queremos chegar. Mas tem no meio do caminho aí que pra mim não ficou, não está, não vejo isso explícito.

[00:21:53]

[Homem 1: Apresentador]

Então que esse programa ajude, inclusive nesse sentido de a gente seguir, perseguir esse diagnóstico pra poder fazer as transformações que o Arouca tanto lutou em vida e que agora a obra dele segue fazendo com que essa luta não acabe, não esmoreça, né? Queria agradecer muito Ana Maria, Beth, obrigado pela presença de vocês aqui conosco.

[00:22:11]

[Mulher 2: Beth]

Obrigada.

[Mulher 1: Ana Maria]

Obrigada, você.

[00:22:13]

[Homem 1: Apresentador]

E o Programa Ciência e Letras da Fundação Oswaldo Cruz é resultado de uma parceria entre o Canal Saúde e a Editora Fiocruz.

[00:22:30]

[Homem 2: Narrador]

Para entrar em contato com a Editora Fiocruz, acesse www.fiocruz.br/editora ou ligue para 21 3882-9007.